



DOI: 10.5433/1984-7939.2024v21n36p68

A utilização da imagem técnica na disputa pelos afetos em ambiência digital: estudo de caso das Forças de Defesa de Israel

The use of technical image in the dispute for affection in a digital environment: case study of the Israel Defense Forces

Vitória Paschoal Baldin¹

Daniela Osvald Ramos²

RESUMO

A imagem é uma ferramenta importante nos conflitos contemporâneos, operando para construir significado e disputar a legitimidade internacional. O presente trabalho parte do conceito de imagem técnica para refletir sobre disputa por afetos relativos à atuação das Forças de Defesa de Israel (FDI) no conflito palestino-israelense nas plataformas digitais contemporâneas. Para tanto, operacionalizamos o conceito de imagem-técnica, de modo associado com a discussão sobre a construção afetiva da realidade. O objetivo é compreender, a partir do referencial teórico, as configurações estratégicas ligadas às imagens compartilhadas no perfil das FDI para construir afetivamente significado sobre a atuação militar, convergindo as dimensões políticas e estéticas do conflito. Concluímos que a massiva utilização da imagem técnica como base para legitimidade está associada à aparência de real que ela oferece, possibilitando a construção de enquadramentos políticos específicos.

Palavras-chave: comunicação; imagem; conflito palestino-israelense; afetos; militarismo digital

ABSTRACT

Image is an important tool for contemporary conflicts, operating to construct meaning and dispute international legitimacy. This work departs from the concept of technical image to reflect on the dispute over affections related to the performance of the Israel Defense Forces

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP)

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). Professora da Universidade de São Paulo.

(IDF) in the Palestinian-Israeli conflict on contemporary digital platforms. To this end, we operationalize the concept of image-technique, in a way associated with the discussion on the affective construction of reality. The objective is to understand, based on the theoretical framework, the strategic configurations linked to the images shared in the IDF profile to affectively construct meaning about military action, converging the political and aesthetic dimensions of the conflict. We conclude that the massive use of technical image as a basis for legitimacy is associated with the appearance of reality that it offers, enabling the construction of specific political frameworks.

Keywords: communication; image; Palestinian-Israeli conflict; affections; digital militarism.

1. INTRODUÇÃO

Desde a Primeira Guerra Mundial, a mídia tem servido como uma importante ferramenta para propaganda e contra-propaganda em conflitos (Wiewiorka, 2009). As imagens assumem uma importância crucial neste processo, mobilizadas como legitimadoras de diferentes visões sobre os eventos, refletindo também as percepções de temas mais amplos, como liberdade e violência (Aday, 2005). Atualmente, as plataformas digitais expandiram as possibilidades comunicativas e sociopolíticas dessas mídias. Para criar narrativas amigáveis, o desenvolvimento das plataformas sociais acrescenta uma nova gama de ferramentas que podem ser utilizadas para comunicar com o público externo sobre eventos conflituosos (Sontag, 2012). Em tal perspectiva, é possível (re)criar significados pelas formas que um evento é representado (Hall, 2016) nessas mídias. Assim, a criação e circulação de imagens é parte integrante da ação política contemporânea (Andén-Papadopoulos, 2020; Khatib, 2012).

No panorama palestino, produção e circulação de imagens é base para o ativismo transnacional desde a década de 1980, com a eclosão da Primeira Intifada, em que imagens ligadas à vitimização de palestinos foi essencial para a conquista de apoio internacional (Peteet, 1996). Eventos conflituosos recentes são amplamente registrados por câmeras acopladas aos smartphones. Nas diversas incursões militares de Israel em Gaza, realizadas a partir de 2008, por exemplo, as novas tecnologias de produção e compartilhamento de imagens foram uma das principais ferramentas para disputar a legitimidade internacional (Brantner; Lobinger; Wetzstein, 2011; Pennington, 2020).

O presente artigo se debruça sobre o papel da imagem técnica na disputa pelos afetos entre palestinos e israelenses, partindo do estudo de caso das Forças de Defesa de Israel (FDI). Iniciando a discussão sobre a imagem técnica proposta por Flusser (2008) e Machado (1997), discutimos como os afetos (Ahmed, 2013; Sodré, 2006) são operacionalizados por palestinos e israelenses para construir o significado sobre a atuação das FDI em relação ao conflito. Compreendemos, dessa maneira, que, em decorrência da ocupação experienciada pelos palestinos e do ethos militarista da sociedade israelense, a disputa pela construção de significado neste contexto é

transpassada pela forma de representar a atuação das Forças de Defesa de Israel.

Este trabalho está organizado em três sessões, em que, inicialmente, discutiremos as relações entre a imagem técnica e os eventos conflituosos. Na sequência, debruçamo-nos sobre os afetos em perspectiva comunicacional, partindo da centralidade das mídias visuais. Em seguida, nos aprofundamos na análise dos afetos numa perspectiva comunicacional, considerando a centralidade das mídias visuais nesse contexto específico. Por fim, dedicamo-nos ao estudo das estratégias das Forças de Defesa de Israel (FDI) a partir da análise do embate entre o ativismo da causa palestina e o militarismo digital israelense neste período de confrontos. Partimos de uma revisão da bibliografia relevante, associada à observação não participante das imagens compartilhadas durante a primeira semana dos confrontos em Gaza³, entre 7 e 14 de outubro de 2023 no perfil do Instagram das forças israelenses (@IDF). Compreendemos que investigar o enquadramento afetivo é essencial para compreender a produção e circulação de imagens sobre a atuação das FDI, em que palestinos e israelenses objetivam afetar seu espectador de modo positivo à sua causa.

2. IMAGENS DE UM CONFLITO

As imagens têm sido, historicamente, centrais para construção da opinião pública a partir de discursos relativos à justiça e à legitimidade de tais ações (Aday, 2005; Andén-Papadopoulos, 2014). Virilio (1993) já refletiu sobre as relações entre as produções cinematográficas e a guerra, a partir tanto da perspectiva da propaganda nazista como do testemunho dos sobreviventes da Shoah. De maneira semelhante, cabe ressaltar que os conflitos bélicos também foram central para o desenvolvimento e avanço das tecnologias de comunicação e informação, especialmente, de produção e circulação de imagens (Kittler, 2017). Nesse sentido, como Budka e Bräuchler (2020) argumentam, as relações entre mídia e conflito precisam ser analisadas em perspectiva co-constitutiva, em que a guerra é compreendida como um importante fator na evolução de comunicação social e, em simultâneo, a mídia também produz efeitos diversos na organização e no desenvolvimento dos conflitos sociais.

A partir do advento da televisão, diversas críticas emergiram sobre como o sistema midiático sanitiza os conflitos, reduzindo a violência representada “ao nível de um videogame” (Aday, 2005, p. 147, tradução nossa). Como Aday (2005) apontou, tais críticos temiam que esse processo desumanizaria as vítimas civis, ajudando a perpetrar artificialmente uma opinião pública favorável a esses eventos. Atualmente, o desenvolvimento de novas tecnologias implicou no aumento exponencial na produção e circulação dessas imagens, disputando maneiras específicas de construir o real do

³ O foco deste artigo é exclusivamente o perfil das Forças de Defesa de Israel. Qualquer discussão sobre o Hamas está fora do escopo desta pesquisa.

conflito. A imagem, portanto, tornou-se um campo essencial de disputa nos embates políticos contemporâneos (Andén-Papadopoulos, 2014; Mitchell, 2011).

O conceito de economia visual (Poole, 1997) é útil para pensar tal cenário, em que o campo visual “tem tanto a ver com relações sociais, desigualdade e poder quanto com significados compartilhados e comunidade” (Poole, 1997, p. 8, tradução nossa). Assim, a captura, produção, circulação e consumo de imagens de eventos violentos insere, no cotidiano do espectador, diversos sentimentos políticos. Essas imagens, pautadas pela ideia de testemunho (Andén-Papadopoulos, 2014; Mortensen, 2014), objetivam oferecer ao público uma visão “real” da guerra. Nessas produções, seu caráter técnico (Flusser, 2008; Machado, 1997) aplica sobre a imagem profunda aparência de real, adicionando camadas de legitimidade à tal representação.

Machado (1997) entende a imagem técnica como uma manifestação dinâmica que, moldada por tecnologias emergentes, transforma tanto a forma visual quanto a percepção humana, refletindo um processo evolutivo contínuo vinculado ao desenvolvimento de novas mídias e dispositivos. Flusser (2008), por outro lado, aborda as imagens técnicas a partir de suas implicações filosóficas e culturais, argumentando que elas transcendem a simples representação visual. Para ele, essas imagens provocam uma mudança paradigmática da história para a memória, influenciando a forma como a sociedade percebe, interpreta e reconstrói a realidade, além de desafiar as narrativas históricas tradicionais.

Couchot já apontou o equívoco de compreender que as imagens técnicas têm a primazia sobre a objetividade, ligadas diretamente ao real. Isto é,

[...] a realidade que a imagem numérica dá a ver é uma outra realidade: uma realidade sintetizada, artificial, sem substrato material além da nuvem eletrônica de bilhões de micro-impulsos que percorrem os circuitos eletrônicos do computador, uma realidade cuja única realidade é virtual. Nesse sentido, pode-se dizer que a imagem-matriz digital não apresenta mais nenhuma aderência ao real: libera-se dele (Couchot, 1993).

Apesar disso, como Flusser (2008) argumenta, no universo das imagens técnicas, a disputa está centrada no efeito causado, concretizando a abstração, em que ficção e realidade perdem importância. Isto é, “[...] nada adianta perguntar se as imagens técnicas são fictícias, mas apenas o quanto são prováveis” (Flusser, 2008, p. 25). Esse paradigma sugere que, diante das imagens técnicas em contextos de conflito, a questão primordial não reside na sua autenticidade, mas na compreensão do seu potencial de probabilidade. Essa abordagem desconstitui a dicotomia simplista entre verdade e falsidade, oferecendo um prisma mais nuançado para a compreensão das imagens técnicas de conflito. Flusser incita a reflexão sobre a construção dessas imagens e como elas se encaixam ou não na teia de eventos e narrativas que permeiam o conflito.

O aparelho câmera-smartphone (Gye, 2007) não altera o mundo material, mas transforma a percepção dos sujeitos sobre ele, impactando o universo simbólico e, consequentemente, nossas ações. Em contextos contemporâneos de conflito, essas imagens técnicas vão além de registros visuais, tornando-se ferramentas poderosas na construção de narrativas e na influência da percepção pública. A evolução tecnológica afeta diretamente a forma como conflitos são percebidos e compreendidos e a manipulação dessas imagens molda a memória coletiva e o significado histórico dos eventos. Assim, a mídia visual não apenas documenta o real, mas também o constrói, buscando afetar o espectador. “Quando se diz de uma imagem que ela é violenta, está-se a sugerir que esta pode agir diretamente sobre um sujeito, à margem de toda mediação da linguagem”, comenta Mondzain (2009, p. 19), por um lado. Por outro, a materialização das tecnologias de produção da imagem técnica é uma continuidade dos seus usos a partir de uma dinâmica imperialista de extração imagética, como discute de maneira mais ampla Azoulay (2019). Essa ação sobre o sujeito teria, então, em sua origem, uma prática colonizadora, em uma relação entre imagem técnica e afetos que está em sua capacidade de evocar emoções, construir memórias e moldar a experiência afetiva do público na cultura visual.

3. OS AFETOS

A mídia é uma importante ferramenta para a construção da realidade (Ahmed, 2013; Boler; Davis, 2020a; Sodré, 2006). Sodré (2006) aponta, nessa perspectiva, para o deslocamento do conceito de estético, presente na arte, para o estético, ligado ao campo da comunicação, em que há a superação dos conceitos de “Belo” e “Sublime”. O estésico é conteúdo afetivo da vida cotidiana, abrindo-se para uma semântica do imaginário coletivo, presente na ordem das aparências fortes. Como defende Sodré (2006), a mídia não é mero objeto da realidade, mas um dispositivo de criação de uma certa realidade, produzida para excitação de gozo dos sentidos.

Ao discutir a relação entre comunicação e afetos, Sodré destaca como os meios de comunicação têm o poder de gerar emoções, moldar percepções e criar laços emocionais entre os indivíduos e a sociedade. Ele examina como as narrativas midiáticas, por meio de recursos estilísticos, visuais e sonoros, têm a capacidade de evocar emoções específicas, influenciando atitudes e comportamentos. A abordagem de Sodré ressalta a importância de compreender a comunicação para além da troca de informações, reconhecendo seu papel fundamental na construção do imaginário social e na influência sobre os afetos individuais e coletivos.

Assim, na era das imagens técnicas, há a convergência entre as dimensões políticas e estéticas da vida cotidiana, concentrando os interesses essenciais dos sujeitos contemporâneos. A imagem, nesse processo, é mobilizada de modo a operacionalizar

politicamente a emoção, visando, ao menos, à agitação ou à propaganda. Ao utilizar recursos simbólicos, essas imagens reorientam hábitos, percepções e sensações. A visibilidade funciona como novo princípio de realidade, em que a presentificação de algo ausente (re-presentar) é também autorreivindicação de legitimidade (Sodré, 2006).

Como Boler e Davis (2020a) defendem, as redes do capitalismo contemporâneo, em que a comunicação ocupa uma posição central, são profundamente afetivas. Para as autoras, as formas de exploração, manipulação e vigilância das emoções podem ser compreendidas como forma de armamento afetivo da informação, em que as (des) informações são pautadas a partir dos afetos com objetivo propagandístico e político. A partir disso, as autoras comprehendem que, “para entender o sucesso de qualquer ideologia, é preciso entender como as pessoas fazem ‘investimentos afetivos’ nessas ideologias” (Boler; Davis, 2020a, p. 8, tradução nossa).

Ainda nesse sentido, cabe ressaltar que, como Zizi Papacharissi (2015) defendeu, afeto não é sinônimo de emoção. Para Susanna Paasonen (Boler; Davis, 2020b), os afetos estão ligados às intensidades instantâneas de sentimentos que precedem o processamento cognitivo. Afeto diz respeito à “intensidade com que experimentamos a emoção” (Papacharissi, 2015, p. 55, tradução nossa), ligado ao impulso que experienciamos antes de identificarmos a emoção cognitivamente. Há imediatismo no afeto. De maneira semelhante, Boler e Davis (2020a) definem que a emoção se refere a uma experiência nomeável, como quando se sente algo sobre um objeto específico. Sentimento é um termo mais ambíguo que pode incluir tanto experiências físicas quanto subjetivas. Afeto, por sua vez, é usado para descrever intensidades de sentimentos que são menos definidos ou formados do que emoções, e também pode atuar como um verbo, descrevendo como essas intensidades afetam ou movem pessoas e coisas de maneiras que nem sempre podem ser nomeadas como emoções específicas.

De modo distinto, Sara Ahmed (2013), em seu trabalho seminal *The cultural politics of emotion*, se debruça sobre como a política da emoção molda os processos sociopolíticos da diferença. Ela propõe que os afetos representam uma sintonização mais ampla com o mundo, muitas vezes desvinculada de objetos específicos. Para Ahmed, afetos indicam um interesse vital no mundo, necessário para manter relações e realizar ações. Emoções, por outro lado, surgem da intensificação de afetos em torno de objetos particulares e frequentemente envolvem uma avaliação cognitiva de uma situação ou coisa. Dessa forma, as emoções são vistas como uma concentração ou intensificação dos afetos. A partir do conceito de economias afetivas, ela defende como o afeto se fixa em corpos não-brancos, mobilizando afetos e emoções que legitimam práticas sociais como o racismo e a xenofobia. Os afetos estão embutidos nas histórias pessoais e coletivas, atravessadas por relações de poder diversas, politicamente construídas e como operam nas interações sociais, influenciando as relações de poder, identidades e

subjetividades. Ahmed desconstrói a noção de emoções como experiências individuais, enfatizando sua natureza relacional e contextualizada.

Tais abordagens enfatizam como o afeto e a emoção são cruciais para a compreensão contemporânea dos processos sociopolíticos de significação (Boler; Davis, 2020a) e representação (Hall, 2016). Para Ahmed, a política racial, sexual e de gênero está fortemente pautada pela mobilização e criação de emoções. Os estereótipos são emoções coletivas esteticamente condensadas (Sodré, 2006). A mobilização estética possibilita conotar afetos negativos para a cristalização do Outro como mal absoluto. Portanto, o afeto é inseparável dos sistemas sociais de representação, poder e desigualdade.

Papacharissi (2015) discute a relação entre afetos e política, mostrando como os sentimentos podem ser mobilizados para influenciar debates políticos, movimentos sociais e processos democráticos. Ela enfatiza o papel das plataformas digitais na construção e na manipulação de discursos afetivos, destacando como essas dinâmicas afetam a esfera pública e a tomada de decisões políticas. No contexto da imagem técnica, a abordagem afetiva de Papacharissi sugere que as imagens técnicas têm um poder significativo na geração e na evocação de afetos. Elas podem ser veículos poderosos para provocar emoções, criar conexões emocionais com o público e influenciar a opinião e o comportamento das pessoas. Através de recursos técnicos, como edição, filtragem e compartilhamento rápido, as imagens técnicas podem intensificar o impacto emocional sobre os espectadores e participantes das redes sociais.

Kuntsman (2020) se utiliza do conceito de reverberação, proposto por Papacharissi. (2015), para refletir sobre o impacto dos afetos na comunicação digital, compreendendo que não é adequado enquadrar seus efeitos de forma unilateral e predeterminada. A reverberação objetiva refletir sobre movimentos de sentimentos diversos em torno de regimes e convenções afetivas, se debruçando sobre “a multiplicidade de efeitos que tais movimentos podem acarretar: ora intensificando certas emoções, ora abafando, ora transformando um sentimento em seu oposto” (Kuntsman, 2020, p. 70, tradução nossa). Para além do foco em emoções pré-definidas, a reverberação evidencia que os afetos mobilizados na comunicação podem implicar reações e efeitos sociopolíticos distintos. Assim, “em vez de apenas perguntar quais sentimentos políticos estão em jogo, precisamos nos concentrar em como certos sentimentos são operacionalizados e armados em seu movimento” (Kuntsman, 2020, p. 73, tradução nossa).

Para a autora, o visual possui importância fundamental na comunicação afetiva digital, em que, ao ser simplificada, padronizada e quantificada, torna-se uma importante ferramenta capitalista e militarista. O afeto é uma das principais armas contemporâneas, o armamento “se arrasta sobre nós no dia a dia de clicar e ‘compartilhar’ nas mídias sociais e nas marés guiadas por algoritmos de fluxos de informações em rede” (Kuntsman, 2020, p. 70, tradução nossa). Emoções, como suspeita

e raiva, circulam e moldam horizontes de significados, ajudando a definir afetivamente o Outro como inimigo. O medo, por exemplo, é constantemente mobilizado como base para discursos racistas, xenofóbicos e nacionalistas, central para propaganda da extrema direita mundial (Boler; Davis, 2020a). Os afetos ganham, nesse sentido, poder político a partir de seu contexto sociopolítico mais amplo e através dos mecanismos de circulação (Ahmed, 2013). As narrativas apoiam as estruturas de sentimento pelas quais o afeto atravessa, assim, à medida que as camadas de narrativa emergem, se disseminam e evoluem, o afeto também opera construindo sentido (Papacharissi, 2015).

A articulação dessas perspectivas permite destacar o papel dos afetos na esfera pública digital e na formação de comunidades afetivas online (Papacharissi, 2015), bem como o papel dos afetos na perpetuação e na contestação de estruturas de poder e desigualdade, revelando como esses afetos estão profundamente enredados nas políticas de diferença e justiça social (Ahmed, 2013). A produção de imagens técnicas e a sua circulação nas redes sociais exemplificam como os afetos e emoções são moldados por e moldam os discursos políticos e sociais. Assim, os afetos não são apenas experiências individuais, mas, sim, componentes essenciais de um quadro afetivo que orienta a ação coletiva e as estratégias institucionais. A racionalidade afetiva é dinâmica e interativa, refletindo e influenciando as complexas trocas que ocorrem nas redes sociais e outras esferas públicas. O conceito de reverberação aqui proposto oferece uma lente analítica para compreender o movimento dinâmico dos afetos, demonstrando que a comunicação afetiva digital⁴ não se limita a desencadear emoções estáticas, mas desencadeia uma multiplicidade de efeitos, intensificando, suprimindo ou transformando sentimentos em ressonância com os contextos sociopolíticos.

4. AS FORÇAS DE DEFESA DE ISRAEL

Como discutimos previamente, os afetos são uma importante base para a ação política contemporânea. A mídia, enquanto aparato estésico, já compõe o cotidiano do conflito palestino-israelense. Kohn (2017), ao examinar o compartilhamento de fotos de soldados das Forças de Defesa de Israel (FDI), constatou que essas imagens são utilizadas como ferramenta de propaganda, objetivando cultivar legitimidade com as agendas promovidas. As Forças de Defesa de Israel (IDF, em inglês, ou Tzahal, em hebraico) são as forças armadas do país, compostas pelas forças terrestres, Marinha e Força Aérea. Desde sua fundação, em 1948, as Forças de Defesa de Israel atuaram em diversos conflitos, sendo especialmente essenciais para a instauração e manutenção

⁴ Não entramos aqui, especificamente, nas dinâmicas de escala, volume e velocidade de disseminação de imagens nas plataformas digitais, o, que seria uma outra camada de análise na constituição do fenômeno da afetação provocada pela profusão de imagens técnicas no cenário do ecossistema midiático contemporâneo, mas deixamos anotada também sua importância.

da violência contra palestinos.

Kuntsman e Stein (2015) demonstraram haver uma forte interação entre as mídias sociais e a política militarista israelense, fenômeno nomeado por elas como militarismo digital (*digital militarism*). Esse conceito descreve como plataformas digitais e seus conteúdos se tornam ferramentas militarizadas que moldam a sociedade em termos militares, sociais e culturais. As forças armadas israelenses utilizam imagens técnicas para estetizar a guerra, personalizar campanhas militares e desviar o foco da violência, humanizando os perpetradores. Ao estetizar a guerra e humanizar seus perpetradores, as imagens compartilhadas nas redes sociais reforçam narrativas específicas e desviam o foco da violência e do sofrimento causados. Nesse sentido, os afetos e emoções não são neutros, mas politicamente instrumentalizados para construir discursos hegemônicos, moldar memórias coletivas e influenciar as reações emocionais do público. A manipulação dos afetos, através da estetização de ícones visuais e da narrativa digital, contribui para a normalização da violência e para a legitimação de políticas opressoras, demonstrando como os sentimentos morais podem ser direcionados para sustentar ou contestar práticas políticas, sociais e culturais no contexto contemporâneo de conflitos.

Figura 1 – Colagem com fotografia de comandante israelense



Fonte: captura de tela dos autores.

Durante a pesquisa realizada, foram levantadas 67 postagens no perfil do @IDF, entre 7 e 14 de outubro de 2023. Entre elas, 13 tinham fotografias como destaque principal, 42 eram vídeos curtos no formato reels da plataforma e 12 eram infográficos,

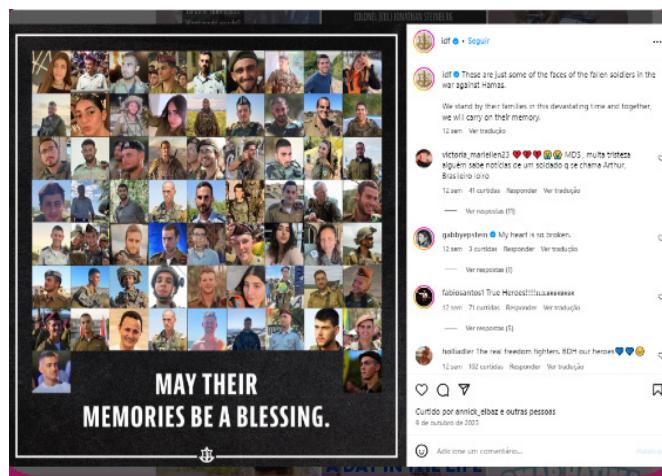
mapas ou designs com poucas ou nenhuma imagem. Para manter a análise consistente, concentrarmos nossa atenção apenas nas postagens que apresentavam fotografias como o elemento principal. Dentre essas postagens, identificamos que quatro foram feitas usando o formato de carrossel, combinando imagens e texto, as quais foram excluídas da análise. Assim, o corpus total da pesquisa compreende nove fotografias.

A Figura 1 é uma composição visual que combina texto e fotografia para homenagear um comandante militar israelense, Coronel Jonathan Steinberg. A imagem central mostra o comandante de perfil, com expressão impassível e em trajes militares, simbolizando coragem e seriedade. O texto ao redor reforça essa reverência, declarando: “Que sua memória seja abençoada”. A fotografia, juntamente com o texto, busca evocar afetos de bravura, honra, patriotismo e orgulho, comunicando uma narrativa específica e culturalmente situada que conecta a imagem à memória do comandante, especialmente para espectadores que compartilham dos valores e identidade da instituição militar.

Figura 2 – Fotografia de combatente israelense com criança



Fonte: captura de tela dos autores.

Figura 3 – Colagem com fotografias de israelenses mortos

Fonte: captura de tela dos autores

A imagem em questão, ao destacar o comandante militar e utilizar uma mensagem de reverência, é um exemplo da mobilização estética para fins políticos, conforme apontado por Sodré. A fotografia, como uma imagem técnica, é utilizada como uma ferramenta estética para reforçar uma visão de honra do militar sem mostrar os aspectos violentos ou sujos da guerra. Esse uso estilizado da imagem serve à estratégia de estetizar e glorificar a ação militar, dissociando-a de suas consequências violentas. A conexão entre a representação estética e a política militarista ilustra a influência das imagens técnicas na promoção de uma narrativa específica, alinhada aos objetivos do militarismo digital.

A Figura 2 retrata um homem em trajes militares segurando uma criança, ambos sorrindo, sugerindo fraternidade e proximidade. Essa imagem, no contexto do militarismo digital, é usada para humanizar as forças armadas, transmitindo uma sensação de cuidado e suavizando a percepção pública das ações militares. Elementos visuais, como sorrisos e proximidade, são estrategicamente usados para evocar simpatia e segurança.

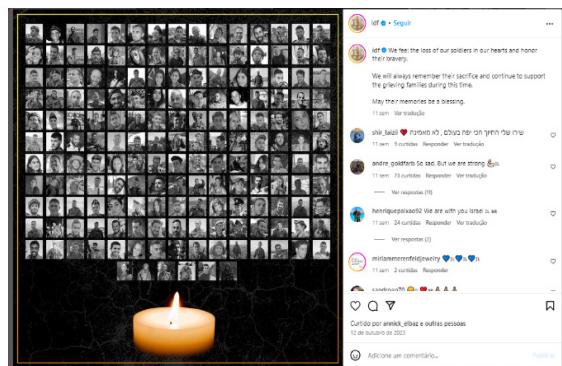
As Figuras 3, 4 e 5 apresentam uma colagem de fotografias de israelenses vestindo trajes militares, apesar de estarem fora do campo de batalha, muitas delas em selfies. A presença da frase “Que suas memórias sejam abençoadas” sugere uma homenagem ou um memorial às pessoas retratadas. Nesse contexto, essa imagem, novamente, parte de uma tentativa de humanizar e homenagear os indivíduos que morreram em conflitos, destacando-os como indivíduos de forma associada a sua vivência militar. A utilização de selfies e a frase de luto apontam para uma tentativa de tornar a perda mais pessoal e próxima, buscando suscitar uma resposta afetiva no público. O foco nas

vidas dos soldados como “heróis” ajuda a construir uma narrativa de honra pública, que orienta as avaliações morais sobre quais vidas devem ser enlutadas e as razões pelas quais essas vidas merecem ser preservadas.

A ideia de “enlutabilidade” das vidas “heróicas” é central; vidas que se conformam ao ideal de sacrifício pela nação são mais facilmente enlutadas e celebradas publicamente. Esse tipo de representação visual reforça a distinção entre vidas que são dignas de luto e aquelas que são desconsideradas, fortalecendo um discurso moral e político que molda a forma como a sociedade enxerga e valoriza as vidas envolvidas em conflitos. Assim, o luto e a honra pública são manipulados para sustentar uma visão específica de legitimidade e justiça, que desumaniza o “outro” ao mesmo tempo que glorifica e preserva a memória daqueles que são vistos como defensores de sua causa.

Na análise da figura 6, que descreve supostos materiais de terrorismo coletados em Gaza, com a legenda usando o termo “ISIS” (Estado Islâmico), pode-se observar uma estratégia de mobilização afetiva associada à política digital. A presença da legenda “ISIS” busca evocar afetos específicos relacionadas ao medo, preocupação e repúdio associados à percepção pública do terrorismo internacionalmente. Essa imagem se utiliza da carga emocional atribuída ao termo “ISIS” para legitimar as ações do Estado de Israel. Ela não apenas documenta os materiais supostamente coletados, mas é intencionalmente moldada para transmitir uma mensagem específica, aproveitando a sensibilidade em torno do termo “ISIS”. A imagem técnica aqui não é apenas uma representação objetiva da realidade, mas uma construção cuidadosa que visa incitar certas emoções e percepções nos espectadores. A conexão entre a imagem e a legenda busca provocar reações afetivas no espectador, fundamental para a narrativa e a construção de significados em torno do tema abordado.

Figura 4 – Colagem com fotografias de israelenses mortos

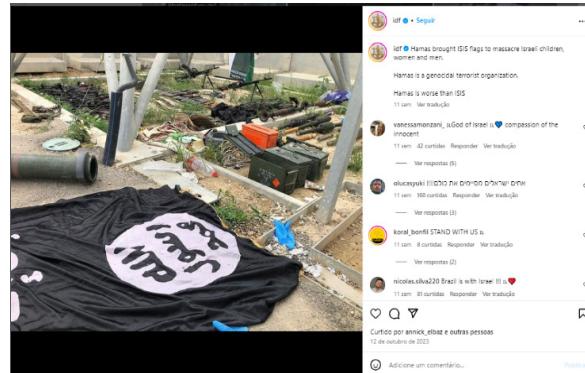


Fonte: captura de tela dos autores

Figura 5 – Colagem com fotografias de israelenses mortos



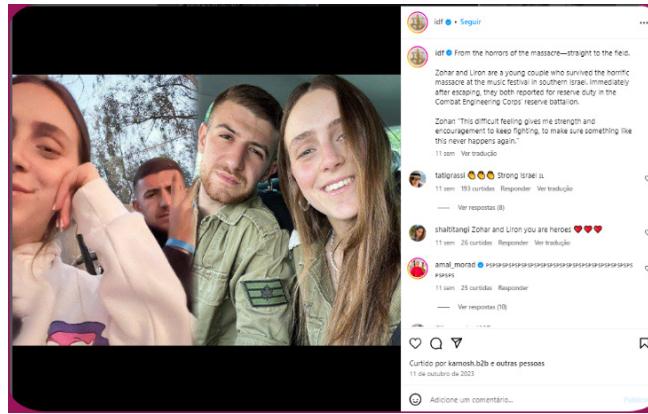
Fonte: captura de tela dos autores

Figura 6 – Fotografia de materiais militares

Fonte: captura de tela dos autores

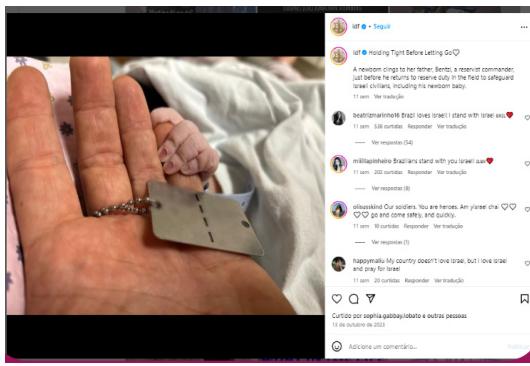
A colagem de selfies (Figura 7) mostra um casal israelense alternando entre trajes civis e militares, ambos sorridentes e joviais em diferentes cenários. Essa montagem visa humanizar os combatentes israelenses, apresentando-os de forma pessoal e afetuosa, desviando-se das associações tradicionais com violência e conflito. Ao exibir um casal expressando amor e felicidade, mesmo em contextos militares, a estratégia do militarismo digital busca suavizar a percepção pública das forças armadas, tornando os combatentes mais acessíveis e gerando empatia ou conexão emocional com o público. De modo semelhante, a imagem de um combatente segurando a mão de um recém-nascido (Figura 8) utiliza uma representação intimista para despertar emoções de conexão e humanidade. A composição, que destaca o gesto de cuidado, busca evocar ternura, empatia e proteção no espectador, ressaltando a sensibilidade do combatente. A ênfase na relação entre a mão do militar e a do bebê visa criar uma narrativa afetiva que humaniza o combatente e intensifica o apelo emocional, contrastando com a imagem do “Outro” bárbaro e moldando a percepção do público em relação ao cenário de guerra.

Figura 7 – Fotografia de casal israelense



Fonte: captura de tela dos autores

Figura 8 – Fotografia da mão de um recém-nascido e de um combatente israelense



Fonte: captura de tela dos autores.

Figura 9 – Fotografia de um papel impresso com escrita em árabe



Fonte: captura de tela dos autores.

Na perspectiva de Vilém Flusser sobre a imagem, a fotografia de um texto em árabe coletado do campo de batalha (Figura 9), ao ser analisada, pode ser vista como um exemplo de como a imagem técnica é interpretada e manipulada através da linguagem e da narrativa. A imagem do texto árabe, acompanhada de uma legenda em inglês que sugere um plano terrorista, destaca a importância do contexto narrativo na moldagem da percepção do espectador. A legenda, ao fornecer uma interpretação específica, pode justificar ou legitimar ações militares israelenses como medidas de defesa contra ameaças, orientando a compreensão do público de acordo com a narrativa predominante.

Como Mann (2022) observou, as Forças de Defesa de Israel (FDI) se adaptaram às plataformas digitais para personalizar sua campanha militar, cultivando legitimidade por meio de imagens que evocam orgulho, admiração e excitação. Segundo Kuntsman e Stein (2015), a eficácia das estratégias de comunicação digital israelense reside na mobilização afetiva, utilizando imagens que promovem sentimentos positivos de heroísmo nacional e reforçam uma visão favorável entre israelenses e o público internacional. O militarismo digital israelense utiliza a hiper-humanização das forças de defesa e uma profunda suspeita digital sobre as mortes palestinas para moldar a percepção pública. O armamento afetivo da informação cria uma desigualdade emocional entre palestinos e israelenses, desumanizando os palestinos através de afetos de medo e ódio. Como Ahmed (2013) destacou, o ódio também atua como um forma de apego e a excitação é gerada pela estetização das forças armadas e a admiração pelos corpos dos soldados. Essa estratégia de comunicação evidencia a interseção entre política e estética nas plataformas digitais contemporâneas.

A tentativa de humanizar as vítimas dos conflitos, evidenciada nas selfies e nas frases em memória, busca criar uma conexão emocional com o público. A política digital também é explorada para evocar medo e repúdio, como no uso do termo “ISIS” para legitimar as ações de Israel. Assim, as estratégias comunicacionais das Forças de Defesa de Israel mostram como a estética e a mobilização afetiva moldam percepções e influenciam a interpretação do conflito, destacando a eficácia dessas abordagens na adaptação às plataformas digitais e na formulação de narrativas. Neste contexto, as emoções suscitadas por uma racionalidade afetiva, como a observada nas imagens do Instagram, organizam as reações do público em uma ação política. As imagens, combinadas com os comentários que geralmente as acompanham, ajudam a construir uma narrativa que reforça a legitimidade e a bravura dos combatentes israelenses, enquanto desumaniza os adversários. Os comentários, muitas vezes, intensificam essas emoções, reforçando sentimentos de orgulho e heroísmo e, ao mesmo tempo, perpetuando estereótipos e justificativas para a violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho, buscamos discorrer sobre o papel do afeto na mídia enquanto base para a propaganda contemporânea, especificamente no contexto da guerra. Partindo das representações sobre a atuação das Forças de Defesa de Israel no conflito, argumentamos que a massiva utilização da imagem técnica como base para legitimidade está associada à aparência de real que ela oferece. Apesar disso, seguindo as proposições de Flusser, consideramos que a importância dessas comunicações decorre do efeito que elas exercem sobre seu espectador. A partir da noção de estésico, ressaltando a importância dos afetos, compreendemos que palestinos e israelenses

depositam seus esforços de propaganda no imediatismo do afeto enquanto ferramenta política. Operacionaliza-se medo, ódio, excitação, admiração, suspeita, ansiedade e terror de modo a construir enquadramentos políticos específicos, (re)negociando ou consolidando relações de poder.

A utilização de câmeras-smartphones, ao acoplar a máquina fotográfica a redes de compartilhamento e circulação, as plataformas, ambos os lados do conflito produzem narrativas visuais que objetivam afetar seu espectador através de reverberações múltiplas. A cultura militarista israelense mobiliza tais narrativas visuais para ancorar legitimidade ao processo de ocupação e apartheid. Repetindo formulações já estabelecidas, as imagens dos combatentes removem a violência resultante da guerra do campo visual cotidiano de israelenses e seus apoiadores. As FDI demonstram grande habilidade em utilizar os hábitos de produção de imagens para propaganda, instigando reverberações afetivas de orgulho, admiração e excitação que interceptam afetos que possam emergir frente à violência e a morte. Sentimentos como empatia, compaixão e orgulho não apenas moldam nossa resposta individual, mas também influenciam o reconhecimento e a valorização das vidas de determinadas pessoas. Em contextos de conflito ou crise, por exemplo, as emoções evocadas por representações midiáticas podem amplificar a importância percebida das vidas de alguns indivíduos, enquanto minimizam ou ignoram a relevância das vidas de outros. A maneira como imagens e relatos são apresentados pode gerar uma conexão emocional mais forte com certos grupos, promovendo uma maior identificação e simpatia por suas experiências.

Através do armamento afetivo da emoção, israelenses estimulam investigações minuciosas de detalhes técnicos das imagens compartilhadas e produzidas por palestinos, objetivando reformular e alterar as reverberações afetivas nelas inscritas. Dessa maneira, para além de depositar profundas esperanças na imagem técnica enquanto mecanismo de luta por justiça social, é necessário estruturar formas de ativismo que pautem novas formas de construir o real do conflito, mobilizando afetos que renegociem as formas de poder estabelecidas. Novas pesquisas são importantes para desenhar possibilidades de estratégias de reverberações afetivas por parte de movimentos sociais e ações de ativismo, reorientando fixações de afetos e reestruturando as narrativas estéticas na sociedade contemporânea.

Pesquisas futuras devem elaborar como as imagens e narrativas digitais organizam e estruturam as emoções das pessoas e como essas emoções são direcionadas para influenciar ações políticas e sociais, seja no contexto palestino-israelense, seja para além dele. Além disso, abordagens futuras investigarão como diferentes influências podem ser integradas às análises teóricas para oferecer uma visão mais completa e contextualizada dos fenômenos políticos e sociais atravessadas pelos afetos.

REFERÊNCIAS

- ADAY, Sean. The real war will never get on television: an analysis of casualty imagery in American Television Coverage of the Iraq War. In: SEIB, Philip. *Media and conflict in the twenty-first century*. London: Palgrave Macmillan, 2005. p. 141-156.
- AHMED, Sara. *The cultural politics of emotion*. Londres: Routledge, 2013.
- ANDÉN-PAPADOPOULOS, Kari. Citizen camera-witnessing: Embodied political dissent in the age of ‘mediated mass self-communication’. *New Media & Society*, Chicago, v. 16, n. 5, p. 753-769, 2014.
- AZOULAY, Ariella. Desaprendendo as origens da fotografia. *ZUM-Revista de Fotografia*, São Paulo, n. 17, 2019. Pub. 29 out. 2017. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-17/desaprendendo-origens-fotografia/>. Acesso em: 6 set. 2024.
- BERGER, Eva; NAAMAN, Dorit. Combat cuties: photographs of Israeli women soldiers in the press since the 2006 Lebanon War. *Media, War & Conflict*, Thousand Oaks, CA, v. 4, n. 3, p. 269-286, 2011.
- BOLER, Megan; DAVIS, Elizabeth. Affect, media, movement: interview with Susanna Paasonen and Zizi Papacharissi. In: BOLER, Megan; DAVIS, Elizabeth (org.). *Affective politics of digital media*. Londres: Routledge, 2020b. p. 53-68.
- BOLER, Megan; DAVIS, Elizabeth. Introduction: Propaganda by other means. In: BOLER, Megan; DAVIS, Elizabeth (org.). *Affective politics of digital media*. Londres: Routledge, 2020a. p. 1-50.
- BRANTNER, Cornelia; LOBINGER, Katharina; WETZSTEIN, Irmgard. Effects of visual framing on emotional responses and evaluations of news stories about the Gaza conflict 2009. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, v. 88, n. 3, p. 523-540, 2011.
- BUDKA, Philipp; BRÄUCHLER, Birgit. Introduction: anthropological perspectives on theorizing media and conflict. In: BUDKA, Philipp; BRÄUCHLER, Birgit (ed.). *Theorising media and conflict*. Nova York: Berghahn Books, 2020. p. 4-32.
- CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward. *Manufacturing consent: the political economy of the mass media*. New York: Pantheon Books, 2002.
- COUCHOT, Edmond. Da representação à simulação. In: PARENTE, André (org.). *Imagen máquina: a era das tecnologias do virtual*. São Paulo: Editora 34, 1993. p. 37-48.

FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

GYE, Lisa. Picture this: the impact of mobile camera phones on personal photographic practices. *Continuum*, Berlim, v. 21, n. 2, p. 279-288, 2007.

HUMAN RIGHTS WATCH. *A Threshold crossed: Israeli authorities and the crimes of apartheid and persecution*, repor. 2021. Disponível em: https://www.hrw.org/sites/default/files/media_2021/04/israel_palestine0421_web_0.pdf. Acesso em: 15 nov. 2022.

KITTNER, Friedrich. A inteligência artificial da guerra mundial. In: KITTNER, Friedrich. *A verdade sobre o mundo técnico*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 301-329.

KOHN, Ayelet. Instagram as a naturalized propaganda tool: the Israel Defense Forces Web site and the phenomenon of shared values. *Convergence*, Luton, GB, v. 23, n. 2, p. 197-213, 2017.

KUNTSMAN, Adi. Reverberation, Affect, and Digital Politics of Responsibility. In: BOLER, Megan; DAVIS, Elizabeth (org.). *Affective politics of digital media*. Londres: Routledge, 2020. p. 69-85.

KUNTSMAN, Adi; STEIN, Rebecca L. *Digital militarism: Israel's occupation in the social media age*. Stanford, California: Stanford University Press, 2015.

MACHADO, Arlindo. As imagens técnicas: da fotografia à síntese numérica. In: MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas e pós-cinemas*. Campinas: Papirus, 1997. p. 220-235.

MACHADO, Irene. Ressonâncias do envolvimento e participação com os meios. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, Ribeirão Preto, SP, n. 36, p. 211-233, 2011.

MANN, Daniel. *Occupying habits: everyday media as warfare in Israel-Palestine*. Londres: Bloomsbury Publishing, 2022.

MITCHELL, William J. T. *Cloning terror: the War of images, 9/11 to the present*. Chicago: Chicago University Press, 2010.

MONDZAIN, Marie-José. *A imagem pode matar?* Lisboa: Nova Vega, 2009.

MORTENSEN, Mette. *Journalism and eyewitness images: digital media, participation, and conflict*. Londres: Routledge, 2014.

PAPACHARISSI, Zizi. *Affective publics: sentiment, technology, and politics*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

PAPPÉ, Ilan. *Historia de la Palestina moderna: un territorio, dos pueblos*. Madrid: AKAL, 2007.

PENNINGTON, Rosemary. Witnessing the 2014 Gaza war in Tumblr. *International Communication Gazette*, Thousand Oaks, CA, v. 82, n. 4, p. 365-383, 2020.

PETEET, Julie. The writing on the walls: the graffiti of the intifada. *Cultural Anthropology*, Washington, US, v. 11, n. 2, p. 139–159, 1996.

POOLE, Deborah. *Vision, race, and modernity: a visual economy of the Andean image world*. Princeton: Princeton University Press, 1997.

SODRÉ, Muniz. O emotivo e o indicial na mídia. In. SODRÉ, Muniz. *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 73-124.

TIRIPELLI, Giuliana. *Media and peace in the Middle East: the role of journalism in Israel-Palestine*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2016.

VIRILIO, Paul. *Guerra e cinema*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993.